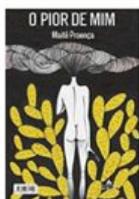


Enfim, dona da própria história

Maitê Proença escancara tragédias de seu passado. Por **Dirceu Alves Jr.**, para o Valor, de São Paulo

O pior de mim/Uma vida inventada

Maitê Proença
Editora Agir
272 págs., R\$ 49,90



Lá pelo terceiro mês da pandemia, no meio de 2020, a atriz e escritora Maitê Proença recebeu um convite da colega Ana Beatriz Nogueira

para participar de um projeto de teatro digital, o formato possível naquele momento. A artista apresentaria um monólogo em uma sala de espetáculos vazia com os espectadores a distância, conectados pela internet. Maitê se sentiu provocada, mas titubeou. Além de ter que sair de casa e se expor ao vírus, não fazia ideia de qual texto escolheria. Pensou, porém, em alguns rascunhos, quase um diário secreto, que, quem sabe, fosse a hora de tirá-los da gaveta.

O trabalho on-line vingou e, segundo a artista, foi um sucesso. Batizado de “O Pior de Mim”, o solo, dirigido por Rodrigo Portella, sobreviveu aos teatros fechados e, desde março, corre o Brasil em versão presencial. Seu fôlego ainda originou uma edição em livro, no formato vira-vira, que resulta em uma leitura surpreendente até para aqueles que insistem que dramaturgias só fazem sentido quando vistas no palco.

“O pior de mim/Uma vida inventada” reúne dois textos confessionais, um mais contido, em que Maitê se camufla atrás de uma personagem infantil, lançado em 2008, e o segundo, a tal peça de teatro, inédita como publicação. Nesta segunda obra, com uma corajosa cara lavada, a autora detalha tragédias pessoais, inseguranças que nem terapia ou religião amenizaram e reflete sobre assuntos como machismo, feminicídio e privacidades invadidas, que a

perseguem desde a infância.

“Eu queria tanto fazer uma escrita que entrosasse personagens fictícios com acontecimentos políticos, sabe? Mas, aqui, só o que me sai é esse vômito cru, confinado em mim”, desabafa no texto teatral, justificando as recorrentes referências biográficas em sua obra. Maitê tem o que falar de si e precisa disto. Tais exposições espontâneas a ajudam a conviver com a própria história e é preferível a ter a intimidade devassada por terceiros — algo que lhe é bastante conhecido.

A atriz, que foi “Dona Beija” na televisão ou “A Dama do Cine Shangai” no cinema, confessa que nunca conseguiu chorar naturalmente quando as cenas lhe exigiam tal emoção. Quando tinha 12 anos, Maitê Proença Gallo enfrentou o assassinato de sua mãe pelo próprio pai, que se suicidou duas décadas depois. “Dezesseis golpes, um para cada ano de casamento”, conta, sobre as facadas que tiraram a vida da mãe.

Ninguém passa impune a uma barra tão pesada. A garota cresceu solitária em colégios internos, vestiu uma armadura como defesa e virou artista sabe-se lá por que motivo, já que vocação ela mesma assume não ter até hoje, aos 64 anos. “A instabilidade drena o talento”, diz. “A inteligência não é fundamental à arte da interpretação, já um chão firme, esse faz falta.”

Maitê brigou consigo mesma por um bom tempo — e com os outros, principalmente no meio profissional —, mas encontrou, aos poucos, uma forma de autoconhecimento por meio da criação. Pequenas frestas, antes de se escancaram em “O Pior de Mim”, foram vistas nas peças “Achadas e Perdidas” (2005) e “As Meninas” (2009), além de “Uma vida inventada”, o romance que volta revisado e complementar nesta edição.

Em um formato de autoficção, Maitê conta a história de uma garota



Maitê reflete sobre machismo, feminicídio e invasão de privacidade em seu livro

vítima do mundo adulto que deveria protegê-la. Entre um capítulo e outro de “Uma vida inventada”, surge uma autoanálise da mulher adulta que sobreviveu às imposições do destino. “Olhando para trás, entendo que fiz por minha mãe como imaginei que ela teria gostado de fazer — e sem ter morrido por isso”, observa a autora, no romance.

Mais madura e honesta consigo mesma, Maitê completa essa sentença em “O Pior de Mim” de

maneira objetiva. “Durante décadas, vivi por minha mãe, restituindo-lhe as experiências que foram roubadas. Namorei por ela, flertei, fiquei, fiz muita m*%#@ também sem saber o porquê. Agora sei”, relata. Depois de tantos embates consigo mesma, Maitê conquistou um raro entendimento de sua intimidade e, ao transformá-la em arte, mostra que sua escrita, vinda das entranhas, supera a intérprete pouco à vontade diante dos outros personagens. ■